

LESLIE WOLFE

**A RAPARIGA
QUE SOBREVIVEU**

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
QUE SOBREVIVEU

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

Traduzido e editado pela Alma dos Livros, com a permissão de Italics Publishing.
Esta tradução é baseada no livro *The Watson Girl* de Leslie Wolfe.

© 2017 Leslie Wolfe. Todos os direitos reservados.
A Italics Publishing não tem filiação com a Alma dos Livros
e não é responsável pela qualidade da edição traduzida.

© 2020 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Rapariga Que Sobreviveu*
Título original: *The Watson Girl*
Autora: Leslie Wolfe
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 463794/19
1.ª edição: janeiro de 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

1

SANGUE-FRIO

QUINZE ANOS ANTES

Bateu à porta com o cano da arma, depois enroscou o silenciador enquanto esperava que alguém o deixasse entrar. Examinou de novo o ambiente que o rodeava. No pesado crepúsculo, as sombras eram longas e os sons demasiado escassos para perturbar a tranquilidade dos subúrbios. Um cão ladrava algures na vizinhança e mal dava pelos sons do longínquo trânsito na autoestrada.

A vivenda de dois andares tinha todas as janelas iluminadas, com cortinas brancas que tornavam as luzes mais ténues e davam à enorme casa neocolonial um ar de conto de fadas. O som distante de um desenho animado chegava até ao alpendre tenuemente iluminado. Reconheceu a voz gutural de Daffy Duck.

Só havia um veículo estacionado na ampla entrada que acedia à garagem para três carros, o monovolume prateado que Rachel Watson gostava de utilizar enquanto desempenhava as funções da maternidade moderna, com um ou mais dos três filhos sentados nos bancos de trás. O automóvel de Allen Watson não se via em lado nenhum. Mas Watson metia sempre o *Benz* na garagem, tendo o cuidado de não deixar cair nem uma partícula de pó na pintura personalizada que lhe devia ter custado uma pequena fortuna.

Ainda que não conseguisse ver o carro, sabia que Watson se encontrava em casa.

Sabia porque não deixava nada ao acaso. Paciente, esperara no carro, discretamente estacionado ao virar da esquina e quase escondido pela generosa folhagem de uma viçosa palmeira. Manteve os olhos colados à rua, observando, seguindo o alvo. Agora estava pronto.

Ouviu passos e apertou mais a arma, escondida atrás das costas. A porta abriu-se e Allen Watson chegou-se silenciosamente para o lado, um sorriso hesitante nos lábios e o laivo de um franzido intrigado a enrugar-lhe a testa. Indicou-lhe que entrasse, e ele assim fez, com a arma firmemente apertada na mão. Watson fechou a porta e fitou-o, inquisitivo.

– O que estás a...

A pergunta de Watson titubeou perante a arma na mão agora visível, e ficou petrificado, recuando com passos vacilantes até chocar contra a parede atrás dele. Os olhos de Watson, esbugalhados de surpresa, cravaram-se nos seus, com as palavras incapazes de lhe sair da boca aberta.

– Não... Não... – conseguiu finalmente dizer numa voz rouca, fraca e embargada.

Hesitou e levou tempo a levantar mais a arma, apontando ao peito de Allen, a poucos centímetros. Então, o som de pés minúsculos a bater no soalho do andar de cima precedeu uma voz aguda que ecoou ruidosamente sobre as suas cabeças.

– Quem é, papá?

Olhou brevemente para cima e viu dois dos miúdos Watson a olhar para eles, vestindo pijamas coloridos e agarrando com as mãos os pilares que sustentavam o corrimão da varanda sobre a principal sala de estar.

– Não... – sussurrou Watson. – Por favor...

Não podia adiar mais.

Premiu o gatilho duas vezes em rápida sucessão, e Watson caiu inerte, enquanto os gritos aterrorizados das duas crianças lhe trespassavam os ouvidos. Subiu as escadas, três degraus de cada vez, e correu para os quartos. Em poucos passos, alcançou as duas crianças

aos gritos. Então, o silêncio engoliu de novo a casa enquanto ele a revistava quarto a quarto em busca da terceira miúda.

Não tardou a acabar o trabalho no andar de cima e estava pronto para descer quando uma batida na porta da frente o fez paralisar a meio de um passo. Recuou, encostando-se mais à parede, e susteve a respiração. Preocupado, olhou para as janelas junto à entrada principal, só parcialmente cobertas pelas cortinas, movendo depois o olhar para o corpo de Watson, caído a poucos centímetros dessa porta.

O visitante podia ver o corpo através das cortinas abertas. Só tinha de espreitar para dentro e inclinar-se um pouco para o lado. *Raios!*

As batidas repetiram-se, um pouco mais altas e mais longas, seguidas pelo tinido da campainha. Então, ouviu uma voz de homem, abafada pela enorme porta.

– Ei, é o Ben, da porta ao lado. Tenho o seu aparafusador sem fios. – O homem parou de falar, bateu mais algumas vezes e prosseguiu: – Vou deixá-lo no alpendre. Obrigado!

O visitante indesejado foi-se embora, os passos pesados e ruidosos, mas quase indistinguíveis contra o som dos desenhos animados na televisão. Respirou lenta, calma e calculadamente.

Passado um momento, desceu, cauteloso, em busca de Rachel Watson. Escutou atentamente e, para lá da voz nasalada de Daffy Duck, ouviu o som de tinidos vindos da cozinha. O laivo de um sorriso esticou-lhe o canto do lábio enquanto se dirigia para ali com passos silenciosos e felinos.

Não sabia quanto tempo demorara a fazer tudo, mas era hora de partir. O som de sirenes à distância acelerou a partida, e ele deixou a casa apressadamente e em silêncio, após verificar uma vez mais as tranquilas e imperturbadas redondezas, prestando a máxima atenção a todos os pormenores. A casa do outro lado da rua tinha o piso principal inundado de luz, as cortinas abertas, permitindo que a luz transbordasse para a rua. A família estava exposta aos olhares curiosos. Franziu o sobrolho. As pessoas deviam preocupar-se mais com a privacidade.

Decidiu esgueirar-se por trás do monovolume de Rachel e voltar a examinar as imediações antes de se dirigir de novo para o seu carro. Agachou-se, e poucos passos depois estava escondido atrás do

monovolume, tendo o cuidado de não lhe tocar. Olhou para as casas vizinhas e ficou à escuta de quaisquer sons que não se enquadrassem naquele ambiente. O franzido do seu sobrolho aprofundou-se com a aproximação de sirenes da polícia, mas então olhou para cima e ficou petrificado, sentindo o sangue transformar-se em gelo.

Na janela de trás do monovolume havia um decalque com as caricaturas estilizadas de uma família feliz, mostrando um homem, uma mulher, um rapaz, duas raparigas e um gato, exibindo todos sorrisos anatomicamente impossíveis.

Tinha um grande problema. Estava certo de que matara dois rapazes e uma rapariga.

Agachou-se mais e gemeu, esfregando furiosamente a testa cada vez mais franzida, como se fosse resolver os problemas ou conter quaisquer respostas.

– Pensa, pensa! – sussurrou, zangado.

Rachel Watson não teria cometido um erro ao encomendar o decalque para o carro. O resto batia certo, incluindo o gato, cujos ameaçadores olhos fosforescentes tinham seguido os seus movimentos do alto do armário da cozinha enquanto ele tratava de Rachel. Deixara o gato viver; não merecia uma bala, porque os gatos não falam.

Mas aquilo? Não fazia sentido, continuava a pensar, de olhos colados ao decalque. Mostrava claramente duas raparigas quase da mesma idade, pois as respetivas figuras eram idênticas, até às tranças duplas com laços. A figura do rapaz era um pouco maior do que as das raparigas. O que andava Rachel a fazer? A substituir o raio dos autocolantes todos os anos? Decerto. E de certezinha que não se enganava nos elementos da família.

Então o que se passava ali? Encontrara uma rapariga num dos quartos, a brincar sozinha com *Legos* no chão. Devia ter cinco ou seis anos. Os outros dois miúdos eram um pouco mais velhos, talvez sete ou oito anos, não mais do que isso.

Eram ambos rapazes.

Algo estava terrivelmente errado.

Esperou um pouco, tentando situar a localização dos carros de polícia que se aproximavam. Teriam chamado as autoridades por causa dele? Tinha a certeza de que os tiros haviam sido suficientemente

silenciosos, mas alguém podia ter visto os lampejos de luz através das janelas. Talvez o vizinho que viera devolver o aparafusador sem fios tivesse detetado o corpo de Watson pelas cortinas abertas. Talvez.

Mas talvez ainda houvesse tempo para corrigir as coisas.

Olhou por um segundo para as costas da mão, tremendo um pouco à luz ténue do crepúsculo, e decidiu agir. Esgueirou-se de novo para o interior da casa, fechando a porta suave e silenciosamente. Depois, começou a revistá-la, movendo-se rapidamente, quarto a quarto, com a arma bem apertada na mão suada.

2

DE VOLTA AO TRABALHO

ATUALMENTE

A agente especial Tess Winnett inclinou-se para mais perto do espelho, examinando, desapontada, os círculos sob os olhos. Escuros e implacáveis, o objeto do seu desdém contornava-lhe generosamente os olhos, tingindo-lhe as pálpebras e fazendo com que o azul das íris parecesse vazio e sem vida. Estava pálida e tinha um ar exausto, a pele retesada e quase translúcida contra as maçãs do rosto altas.

Não lhe faria mal um pouco de maquiagem. Pena que ela não usava essas coisas.

Regressava ao trabalho após três intermináveis semanas de recuperação na sequência de ferimentos sofridos no exercício das funções. Um ombro deslocado. Ligamentos rompidos. Um par de costelas partidas que ainda lhe apunhalavam o flanco a cada respiração. Mas estava de volta, decidida a não passar nem mais um dia num aborrecimento mortal, a contar as horas e a andar de um lado para o outro entre os trezentos canais de televisão da treta e a pilha de romances, para os quais não tinha paciência.

Não pensava que fossem os ferimentos físicos a fonte da sua palidez; eram os monstros escondidos no seu interior, nos mais profundos recessos do cérebro cansado. As memórias que queria que

desaparecessem para sempre, mas que se recusavam a esmorecer, as memórias cruéis daquela noite terrível de há mais de dez anos em que a sua vida sofrera uma abrupta viragem para o pesadelo. Uma noite em que ela fora a vítima indefesa a lutar pela vida, não a destemida agente do FBI em que se transformara.

Essas feridas ainda eram dolorosas, faziam-na andar pela vida hipervigilante, embora o atacante já não lhe pudesse fazer mal. Tais feridas doíam mais do que um par de costelas partidas.

Concentrado na sua forma física e provavelmente alheio ao resto da sua estrutura, o médico prescrevera-lhe seis semanas de descanso, com as duas últimas passadas em sessões diárias de fisioterapia, fortalecimento e exercícios de mobilidade. Tess apelara e ameaçara, mas ele já falara com o seu supervisor no FBI, o agente especial responsável, ou agente Pearson, como ela gostava de lhe abreviar o título, aconselhando-o a que, por razões médicas, ela não regressasse ao trabalho. Ao ouvir isso, Tess passara-se, virando-se contra o médico com toda a sua raiva irracional, e acusara-o de tudo o que se lembrara, de violar a confidencialidade de uma paciente a ser simplesmente um idiota imprudente, egoísta, preocupado apenas em proteger a própria pele, que nunca na vida devia ser autorizado a usar as credenciais de médico.

Isso não a levou longe. O médico resfolegou ao ouvir falar em violação da confidencialidade de um paciente e assegurou-lhe que só partilhara com o agente especial Pearson a ordem de repouso de seis semanas, e nenhum dos pormenores. Mas, milagrosamente, nesse dia, concordou em deixá-la ficar pelas três semanas, se fizesse apenas trabalhos ligeiros, como estar sentada atrás de uma secretária a preencher papelada.

Não, raios.

Porém, podia voltar a pôr os pés no edifício federal; o FBI tinha renovado as suas credenciais. O resto era com ela, certo? Um sorriso irónico surgiu timidamente naquele espelho da casa de banho, estendendo-se num grande sorriso que lhe engoliu os olhos e fez com que as olheiras quase desaparecessem.

Estava de volta. Só isso importava.

– Bem-vinda, Winnett – cumprimentou-a uma mulher ao passar, fechando depois a porta do último cubículo atrás de si.

Tess deu um salto. Não ouvira a mulher entrar na casa de banho; escutara apenas a voz atrás dela, demasiado perto quando pensava estar sozinha e em segurança. Sentiu o coração acelerar e as mãos tremeram-lhe um pouco. Concentrou-se na respiração por alguns segundos. Dentro. Fora. Dentro. Fora.

– Obrigada – respondeu, algo hesitante, soltando depois um longo suspiro e acalmando-se ligeiramente.

Estava pronta para voltar? Era bom que sim. *Vê se acordas, Winnett.*

Olhou um pouco mais para o seu reflexo, ganhando confiança para a reunião com o agente especial Pearson. Nessa manhã, encontrara uma nota colada na sua secretária com uma breve mensagem: «Vem ver-me assim que chegares.» A mensagem estava assinada por Pearson, o nome rabiscado, evoluindo de letras maiúsculas para uma pseudoassinatura basicamente ilegível. Mas, de qualquer modo, ela sabia quem era.

O agente especial Pearson. *Ugh.* O chefe, que já a avisara várias vezes e que não ia aceitar mais tretas. Um homem que completara doze anos de serviço como *profiler* com um registo invejável, só excedido por ela. Tinha noventa e oito por cento; ela tinha cem. Uma pequena diferença com grande significado. Tinha a certeza de que os dois pontos percentuais ocupavam um lugar de destaque na mente do chefe, pelo menos parte do tempo. Acima de tudo, Pearson era um *profiler* experiente que detetaria aquelas olheiras e dispensá-la-ia, para mais três semanas a dar em doida no seu apartamento.

Franziu os lábios, ponderando as opções, e pigarreou:

– Ei, Colston, por acaso não tens maquilhagem contigo?

– Ahã, aqui tens – respondeu a mulher, estendendo-lhe a bolsa por baixo da porta do cubículo. – Serve-te à vontade.

– Obrigada – respondeu Tess.

Pegou na bolsa e pô-la sobre a bancada, mas hesitou um pouco antes de a abrir. Tinha dificuldades em invadir daquela maneira a privacidade de alguém, apesar de ter sido convidada a fazê-lo. Como eram diferentes as outras pessoas. Quão... confiantes e ingénuas e abertas. Calmas. Despreocupadas. Despretensiosas. Ao abrir a bolsa, sentiu uma pontada de inveja. Gostava de poder ser assim, como